

**UMA PESQUISA EM CONSTRUÇÃO:
COMUNICAÇÃO, CORPO E GÊNERO NAS
MANIFESTAÇÕES DE ENTIDADES NA UMBANDA**

Maurílio Mendonça de Avellar Gomes
Mestrando do curso de Pós-graduação em
Comunicação e Territorialidades
Universidade Federal do Espírito Santos - UFES
E-mail: maulgom@gmail.com

Orientador: Prof^oDr^oErly Vieira Júnior
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
E-mail: erlyvieirajr@hotmail.com

RESUMO

Não há o fenômeno de incorporação, na Umbanda, sem corpo. É pelo corpo que a entidade ancestral se manifesta e, assim, se comunica. O corpo do umbandista, durante as giras (cerimônias), ganha novas formas, multiplica-se em outros corpos possíveis. São corpos incorporados, transformados em meios de comunicação. Há mais de cinco anos, faço parte do Centro Espírita Orixalá, de Vila Velha – terreiro com mais de 45 anos de atividade. Nele, independente do gênero ou do sexo que o e a umbandista se identifica, este e esta poderão incorporar ancestrais que se apresentam tanto do gênero masculino quanto do gênero feminino. Um mesmo corpo que pode ser homem e mulher. É essa duplicidade que interessa a pesquisa “Comunicação, corpo e gênero nas manifestações de entidades na Umbanda” – iniciada em 2020 no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades (POSCOM) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – com este artigo apresentando os primeiros passos do estudo, incluindo as defesas sobre o objeto de pesquisa, a metodologia a ser adotada, o princípio de referencial bibliográfico, assim como as definições do que virá a ser a pesquisa de campo. Afinal, quantos corpos cabem em um corpo?

Palavras-chave: Comunicação; Umbanda; Corpo; Gênero.

INTRODUÇÃO

Há pouco mais de cinco anos entreguei meu corpo à Umbanda. Religião brasileira, de matriz africana, que trabalha com a incorporação de entidades ancestrais. A manifestação precisa ser feita pelo corpo. É preciso permitir o descontrole para aceitar novas feições, outros movimentos. Posturas que não são mais suas, mas que também são. Assumir tal estranheza é um processo que depende de cada umbandista, assim como aceitar ou não tais manifestações.

Não há incorporação sem o corpo. O transe e a Umbanda dependem do corpo. É por ele que o

ancestral se comunica e se manifesta: “(...) uma cultura em que o transe, também denominado ‘incorporação’ e presente em certas práticas rituais religiosas, transforma o corpo num meio para a manifestação divina” (AMARAL; DRAVET, 2019, p.138).

Um corpo que ganha novas formas, multiplica-se em outros corpos, buscando uma identidade própria “dentro” de outra. Corpos que são meios de comunicação. Afinal, “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontrem cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a este ponto” (PROSS, 1971; apud BAITELLO JR., 2001, p.2).

Seguindo os escritos de Harry Pross – pensador da comunicação, jornalista e cientista político – todo processo comunicativo começa e termina no corpo. Não importa quais ou quantos suportes de mídia sejam usados, é a partir do e com o corpo que a comunicação acontece, sendo possível “vivenciar as experiências necessárias à materialidade do processo existencial e comunicacional” (PENNA, 2018, p.83). Essa relação entre comunicação e corpo, na Umbanda, está presente do início ao fim da gira¹. Mas o que nos interessa, aqui, é a comunicação presente nesse corpo incorporado. É analisar as alterações do corpo físico, materializado na incorporação, para entender como se comunica a manifestação do espírito.

Cabendo ao corpo, no território da Umbanda, a função de comunicar, a pesquisa se propõe a analisar esse corpo incorporado e desincorporado por meio de imagens captadas durante as giras de Umbanda, no Centro Espírita Orixalá (CEO) de Vila Velha – terreiro com mais de 45 anos de atividade. Serão analisadas imagens, fotografias ou vídeos, de umbandistas que aceitarem participar da pesquisa. Junto a análise, também será considerado como conteúdo de estudo o material produzido na pesquisa de campo, com relatos e pensamentos anotados durante as visitas, em relação às formas, aos gestos e às posturas comunicacionais; assim como as entrevistas que serão realizadas antes e depois da incorporação, buscando respostas que possam apresentar as experiências corpóreas as quais se sujeitam durante a gira.

Cada entidade ancestral que se apresenta manifesta trejeitos próprios, seja no caminhar ou no olhar, seja ao se movimentar ou ao falar. E, a cada incorporação, questões ficam. Para mim, alcançam momentos que vão além da experiência da incorporação. Afinal, quantos corpos

¹Gira é o nome dado às cerimônias religiosas, na Umbanda.

podem um corpo? Não há restrição para que tipo de entidade um cavalo² pode ou não incorporar, pelo menos nas giras que acontecem no CEO – do qual faço parte, e que estarei afastado das atividades durante as pesquisas de campo. Desconsiderando gênero e sexualidade, este poderá incorporar ancestrais que se apresentem do sexo masculino ou feminino. Um corpo que pode ser homem e mulher, criança e idoso e, até mesmo, amórfico.

São tantas possibilidades em um único corpo e, da mesma forma, tantas possibilidades de comunicação desse corpo, que a Umbanda torna-se um universo fértil e necessário para os estudos da comunicação. Em especial quanto às questões de gênero, sendo cenário ainda mais frutífero justamente por subverterem as compreensões enraizadas na sociedade. É nesse campo umbandista, na relação de corpo e gênero, que este artigo pretende se embrenhar, em especial como apresentação do projeto de pesquisa “Comunicação, Corpo e Gênero nas manifestações de Umbanda”, iniciado em 2020, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (Poscom) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

DESENVOLVIMENTO

Essas questões começaram a surgir, e continuam surgindo, desde que ingressei no terreiro do Centro Espírita Orixalá de Vila Velha, onde centenas de umbandistas, assim como eu, se reúnem três vezes ao mês, aos sábados, para as giras. Questões que mexem com o meu corpo e que, de certa forma, me levam a provocar outros olhares sobre os impactos de um pensamento social vigente e heteronormativo, presente em diferentes espaços sociais. Os desafios tornam-se maiores, em especial pelas experiências que também me atingem, mas que ajudam a fortalecer os desejos de buscar refletir sobre impactos culturais e sociais que umbandistas avaliam sofrer com esse corpo incorporado. Questões que podem ser de interesse da comunicação, em especial diante dos estudos culturais, nas discussões de corpo e gênero.

Nas giras, a comunicação acontece durante todo o ato religioso, em especial a comunicação que é produzida pelo corpo. Na incorporação surge a manifestação da entidade ancestral, assumindo corpo e formas, dando “vida” ao espírito em gestos, posturas, andar... Local onde se congrega em “um só tempo/espço mito, culto e consumo somados à cultura material,

² O termo cavalo é usado pelas entidades ancestrais, na Umbanda, para identificar os e as umbandistas que incorporam.

discursos, metafísica, espetáculo, pensamento mágico, história, retórica, comunicação interpessoal e carisma dos líderes espirituais” (CAMARGO, 2018, p.189).

Os rituais operam com estruturas diegéticas, semióticas, espetaculares e imaginais muito semelhantes às presentes na mídia, ou seja, a gira – principal ritual da Umbanda – pode ser analisada como um modelo midiático não hegemônico, pois opera elementos verbais e não verbais, sonoros, visuais, proprioceptivos que promovem o movimento de sentidos de um “mundo culturalmente constituído” (MCCRA-CKEN, 2007) para um corpo vivo que olha, sente, pensa, imagina, cria – considerado “mídia primária” (BAITELLO JUNIOR, 2005) – que em algum momento passará a constituir uma identidade que devolverá os significados e ressignificações ao mundo. (Ibid).

É um resgate de mídia primária, como apresenta Camargo, sendo o corpo peça fundamental para existir a comunicação; é o corpo enquanto instrumento biológico e na ação de se comunicar. E mais: é o corpo enquanto mídia – o que nos interessa, nesta pesquisa – e que pode ser lido³ tanto dentro quanto fora da gira. Corpo territorializado e desterritorializado.

Sendo o corpo o objeto central, vale lembrar “as infinitas e ricas possibilidades comunicativas da mídia primária” (BAITELLO JR., 2001, p.2) defendidas por Harry Pross, em seus estudos. Essas análises vão desde a “expressividade de olhos, testa, boca, nariz, postura da cabeça e movimentos dos ombros” (Ibid.), passando por observar o “andar, postura corporal, tórax e abdômen, mãos e pés, sons articulados e inarticulados” (Ibid.), além de “odores, cerimoniais, ritmos e repetições, rituais e, por fim, as línguas naturais” (Ibid.).

A investigação da mídia primária requer também complexas operações de cruzamentos de códigos (desde predisposições biológicas até hábitos étnicos, culturais e religiosos) e reconstituições culturais hipotéticas, ao lado das documentações históricas e sociológicas, mas também sem ignorar as possíveis raízes filogenéticas mais profundas de cada grupo de gestos. Assim, cada gesto diz o que diz porque é também resultante de uma história, de interações e de interferências. (Ibid., p.3).

Percebe-se que para analisar esse corpo umbandista, em ação, faz-se necessário estar diante da experiência, o que reforça a importância de realizar uma pesquisa de campo, onde o pesquisador precisará estar atento ao que acontece durante a incorporação. Assim, será possível analisar as expressividades do corpo – incorporado e desincorporado – como um

³ Os estudos comunicacionais sobre a Umbanda, bem como sobre outras religiões de matrizes africanas, ainda são escassos, em especial sobre a visão do estudo do corpo enquanto mídia, relacionando questões de gênero e de sexualidade. Geralmente, os estudos comunicacionais voltados à Umbanda concentram-se em análises de representação midiática da religião, o que não atende às questões desenvolvidas para esta pesquisa. Faz-se necessário buscar novas formas de apreciação sobre essa religião de matriz africana, com uma metodologia que analise o corpo do e da umbandista como mídia, dentro e fora do terreiro, adotando um recorte epistemológico e teórico que atenda a tais questões, envolvendo ainda discussões de gênero e corpo junto aos processos comunicacionais, e que contribua para o desenvolvimento do trabalho.

todo, com anotações desses processos e com o registro de imagens (fotografia ou vídeo).

A princípio, essas análises corpóreas começarão por meio de imagens – fotografias, ilustrações e vídeos – disponíveis em livros, dissertações e teses que apresentem, com imagens, as incorporações das entidades ancestrais da Umbanda; ou no YouTube. Um primeiro processo de construção e de desenvolvimento da pesquisa, onde seja possível iniciar, por revisão bibliográfica, uma (certa) prática de estudo do corpo incorporado.

CORPO E GÊNERO

Nesse processo de aprendizado constante, que a Umbanda oferece, estar com o corpo presente no terreiro é compreender que esse corpo deixou de ser apenas seu. É um corpo que passa a ser multidão, que assume muitas formas e que se comunica por diferentes performatividades – entendendo performatividade como ação inerente ao corpo, que se faz presente na simples presença dele no espaço. Nas pesquisas apresentadas e defendidas por Dravet (2016):

(...) o corpo que incorpora, ou que sabe que nele dançam deuses (NIETZSCHE, 1983), é um corpo vivo, que sente e diz, sente e imagina, incluído no processo do pensar, mas também e sobretudo, é um corpo aberto à experiência do outro, um corpo cuja identidade só se constitui mediante essa experiência do outro. (DRAVET, 2016, p.288)

Essa corporalidade se mantém em constante mudança. O que se busca, talvez, seja encontrar o que umbandistas conseguem fazer – dentro de todos os limites físicos e, também, sociais e culturais – e o que entidades precisam fazer para conseguir ocupar esses corpos. Tornar visível o que é invisível: o espírito. É no corpo transformado que enxergamos a manifestação da incorporação, o transe. São nesses movimentos que surgem uma variante de questões estéticas que invadem e dominam o espaço umbandista; sendo questões que vão além do belo e que, aparentemente, encontram eco numa produção estética no sentido da criação, invenção, como possibilidades de vida (Guattari, 1992), e não num raciocínio exclusivo da obra de arte. Um estético não restringido à visão, mas que necessariamente perpassa a existência.

São corpos masculinos com movimentos femininos e corpos femininos com movimentos masculinos, pelo menos diante do que se considera como movimentos masculinos e femininos, condizentes aos papéis sociais que devemos desempenhar de acordo a um determinado sexo biológico e que correspondam ao que muitos ainda acreditam como sendo

os verdadeiros significados de masculino e feminino (Butler, 2017).

Mas de que forma a incorporação contribui para que essa barreira social do masculino e do feminino seja quebrada? É por meio do transe que acontecem as transformações do corpo. Incorporar pode significar “integrar, inserir, juntar, agrupar, vincular, associar, encarnar, corporificar, materializar-se, construir, edificar” (PEREIRA, 2017, p.156), entre tantos outros significados possíveis e que reforçam sua conexão direta com a corporalidade.

RESULTADOS

Por trás do corpo inventado – o que carregamos – encontram-se uma série de relações possíveis, todas pré-estabelecidas e pré-concebidas. Ao se deparar com o corpo incorporado – o que se manifesta no corpo que carregamos – a impressão inicial é de que essas mesmas formações corpóreas apresentam-se infinitas, permitindo que o corpo seja movimento e transformação, que ultrapasse seus limites sociais e apresente todas as possibilidades.

Mas cabe ao médium, dono desse corpo incorporado, dar a possibilidade ou não para que haja a “perda de controle” corpórea, permitindo a sua exposição durante a gira e diante dos demais. O que, de certa forma, favorece a quebra social sobre a imagem do que deveria ser o seu corpo – o que carrega – e sobre os movimentos que este deveria produzir – os pré-estabelecidos e pré-concebidos. Incorporado, o corpo passa a ser outro, ou outros.

Como, então, por meio da Umbanda, é possível apresentar novos corpos? Há momentos de negação e/ou recusa na construção e apresentação desse outro corpo? Havendo umbandistas que se recusam a assumir possíveis formas que rompem com o gênero que se definem, quais são os impedimentos para descobrirem novas apresentações do próprio corpo? Estariam dispostos a se diversificar diante dos arquétipos pré-concebidos?

Sem se prender a quais manifestações podem ser estudadas, em todos os casos, as entidades usam o corpo do cavalo, o mediador desse processo, como um meio de se comunicar, com voz, pernas, tronco, braços e rosto. A expressão se dá por um todo e foge das ideias de masculino e feminino pré-estabelecidas. Considerando que a “teoria da performatividade de gênero busca entender a formação de gênero e subsidiar a ideia de que a expressão de gênero é um direito e uma liberdade fundamentais” (BUTLER, 2017), as possibilidades dessa

discussão se abrem diante da complexidade das manifestações umbandistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Umbandistas são, antes de tudo, corpos que serão moldados de acordo com os desejos das entidades. O que está pré-determinado a ser “homem” ou “mulher” é desconsiderado diante da incorporação. Não havendo distinção de sexo nem de gênero para a manifestação da espiritualidade, quais questões seriam capazes de interferir na decisão do cavalo de não manifestar determinadas incorporações? O ato performático é quem muda todo o contexto (PEREIRA, 2012). E é exatamente essa mudança que incomoda e abala a construção social, “não só porque altera os sujeitos que enunciam, mas porque insere a probabilidade de transformação” (Ibdi., p.373). Transformação não necessariamente aceita ou compreendida.

Mas para construir essa conexão entre Comunicação, Umbanda, Corpo e Gênero, esta pesquisa precisará se aprofundar diante de conceitos e teorias que abordem as questões apresentadas acima. A princípio, a revisão bibliográfica será realizada sob a perspectiva das noções de estética, gênero e corpo, somadas a uma discussão sobre os processos comunicacionais, território e territorialidade, por entender que tais assuntos dialogam. E assim, quem sabe, contribuir para que o estudo alcance um passo ainda maior, sendo possível analisar se os corpos masculinos e femininos sofrem algum tipo de interferência externa ao terreiro de Umbanda – seja essa interferência social, cultural, política, religiosa, estética, entre outras – ao ponto de torna-los desconfortáveis ou não diante da incorporação de ancestrais que apresentem características de gênero opostas ao seu.

A pesquisa se propõe, ainda, a realizar imersões presenciais, críticas e analíticas, de inspiração etnográfica, nas giras do Centro Espírita Orixalá de Vila Velha. A busca será, também, para tentar compreender as relações e reações que umbandistas constroem com entidades que se manifestam com gênero oposto ao seu, sendo necessário, ainda, desenvolver e aplicar um questionário. A pesquisa se propõe a conversar com seis (06) umbandistas – três (03) homens e três (03) mulheres. Sendo possível, ainda será considerada a sexualidade deles e delas; buscando, assim, averiguar se há diferença na forma como heterossexuais, homossexuais e bissexuais (por exemplo) se relacionam com suas entidades, durante a incorporação.

O foco deste estudo será o de investigar quais são as relações construídas entre umbandistas e

entidades ancestrais, e como enxergam a forma como elas se manifestam e as mudanças do corpo durante a incorporação. Caso sejam identificados casos de cavalos que não incorporam entidades de gênero oposto ao seu, vamos buscar quais seriam os motivos, caso existam, que interferem no processo. São muitas questões, todas sem respostas ainda. Mas que serão percorridas durante o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L. S.; DRAVET, M.. Antropofagia e estética corporal na cultura brasileira: dos cultos às performances afro-indígenas-brasileiras. In: CAMARGO, H. W. (Org.). **Umbanda, Cultura e Comunicação: olhares e encruzilhadas**. Curitiba: Syntagma Editores, 2019, 350 p.

BAITELLO JR., Norval. **O tempo lento e o espaço nulo: Mídia primária, secundária e terciária**. Org.: FAUSTO NETO, Antônio et al. Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

BUTLER, J. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 11 set. 2019.

CAMARGO, H. W. A Umbanda na Encruzilhada da Comunicação. In: JUNIOR, A. C. A.; FILHO, C. T.; CAMARGO, H. W.; CRESTO, L. (orgs.). **Reflexões sobre mídia e consumo**. Londrina: Syntagma Editores, p. 185-197, 2018.

DRAVET, F. **O imaginário ou a comunicação entre corpo e linguagem: problematização do fenômeno na incorporação no Brasil**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caixas do Sul, v.15, n.30, p.287-306, jul-dez. 2016.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

PEREIRA, P. P. G. As incorporações e suas poéticas. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 18, n. 31, p. 137-171, 2017.

_____. **Queer nos trópicos**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 371-394, 2012.

PENNA, T. S. **Ecologia da Comunicação na religiosidade: um estudo sobre os processos comunicacionais na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo, 2018.